



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE FORMAÇÃO E LICENCIATURA EM PSICOLOGIA**

BRUNA FERREIRA DA SILVA CALADO

**NO VERMELHO DA CENA: UMA ANÁLISE DO LONGA METRAGEM
“PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN”**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

BRUNA FERREIRA DA SILVA CALADO

NO VERMELHO DA CENA: UMA ANÁLISE DO LONGA METRAGEM
“PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN”

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para a obtenção das titulações de bacharelado e licenciatura em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio
Coorientadora: Jailma Belarmino Souto

CAMPINA GRANDE – PB
2017

BRUNA FERREIRA DA SILVA CALADO

**NO VERMELHO DA CENA: UMA ANÁLISE DO LONGA METRAGEM
“PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Programa de Graduação
em Psicologia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito para à
obtenção do título de Bacharela e
Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo de
Oliveira Gaudêncio
Coorientadora: Jailma Belarmino Souto

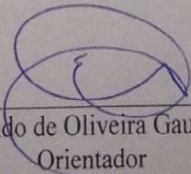
Aprovada em 06/04/2017.

Eduardo Breno Nascimento Bezerra

Prof. Ms. Eduardo Breno Nascimento Bezerra
Examinador/ UFCG

Márcia Candelária da Rocha

Prof. Ms. Márcia Candelária da Rocha
Examinadora/ UEPB


Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UFCG
Orientador

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C141n Calado, Bruna Ferreira da Silva.

No vermelho da cena [manuscrito] : Uma análise do longa metragem " Precisamos falar sobre o Kevin " / Bruna Ferreira da Silva Calado. - 2017.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia".

"Co-Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia".

1. Perspectivismo. 2. Psicanálise. 3. Criminologia. I. Título.

21. ed. CDD 150.195

À minha amada mãe por todo o amor, paciência
e confiança investidos em mim, DEDICO

AGRADECIMENTOS

À minha amada mãe e irmã que tem sido meu alicerce, meu refúgio e minha alegria desde a tenra infância, por todo o amor incondicional e cuidado,

Ao meu pai por seu apoio e amor.

Aos meus queridos amigos, conquistados nessa terra estrangeira que me propus desbravar, por todos os afetos, sorrisos e desafios compartilhados.

Ao meu querido namorado, por todo seu amor, suporte e dedicação.

Aos meus queridos mestres que me acompanharam desde o jardim de infância até o último semestre da graduação, por se disponibilizarem a me doar conhecimentos tão essenciais, sem os quais minha carreira profissional não seria possível.

Aos professores do departamento de psicologia, por me darem subsídios para ser uma profissional competente e ética.

Ao meu orientador e coorientadora por aceitarem fazer parte dessa empreitada comigo.

Aos funcionários da universidade pelo auxílio durante esses cinco anos.

“Todos temos por onde sermos desprezíveis. Cada um de nós traz consigo um crime feito ou o crime que a alma lhe pede para fazer”.

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

1 PRÓLOGO.....	09
2 ABERTURA.....	11
3 DIREÇÃO.....	13
4 ENREDO.....	14
4.1 Antes de Kevin.....	14
4.2 Gestação.....	15
4.3 Primeiros meses de vida.....	17
4.3 Infância	20
4.4 Adolescência.....	25
4.5 O ato.....	27
5 DESFECHOS.....	28
CRÉDITOS.....	30

**NO VERMELHO DA CENA:
UMA ANÁLISE DO LONGA METRAGEM “PRECISAMOS FALAR SOBRE O
KEVIN”**

*In the red of the scene:
an analysis of the motion picture “We need to talk about Kevin”*

CALADO, Bruna Ferreira da Silva¹

Resumo: Este trabalho se propõe a fazer uma análise do longa metragem "Precisamos falar sobre o Kevin", utilizando como ferramenta metodológica o Perspectivismo nietzschiano para assim problematizar o tema trazido pelo filme na luz do saber psicanalítico, médico e criminológico. O longa metragem de Lynne Ramsay apresenta a história do adolescente Kevin que aos dezesseis anos realiza uma chacina envolvendo seus colegas de escola, além do pai e da irmã. Permeando o campo temeroso dos bastidores desse crime cruel, o filme se propõe a apresentar os fatores que propiciaram o estado emocional de Kevin através de sua história. Evidenciando alguns fatos em detrimento de outros o longa se sobressai pelo não dito que explica além do que é documentado pela diretora. A análise propriamente dita está organizada a partir de cenas pontuais que carregam informações cruciais para a formação subjetiva de Kevin, utilizando-se das teorias selecionadas esse texto problematiza através das variadas perspectivas afins a cena de Kevin e o que está por trás das cortinas.

Palavras-chave: Precisamos falar sobre o Kevin, psicanálise, criminologia, perspectivismo.

Abstract

This work's objective is to propose an analysis of the motion picture “We need to talk about Kevin”, using for that matter Nietzsche's Perspectivism as a methodological tool in order to problematise the theme exposed by the movie through the psychoanalytic, medical and criminological approach. The motion picture from Lynne Ramsay presents the story of the adolescent Kevin who has committed a slaughter, killing his classmates

¹ Graduanda em Psicologia, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I
E-mail: brunafscalado@gmail.com

and his father and sister. Getting in the fearful backstage of this cruel crime, the film presents the main factors that have led his emotional condition throughout his history. Evincing some facts instead of others, the motion picture stands out for the concealed information that provides explanations beyond what is explicitly expressed by the director. The analysis is organised from the scenes considered crucial to the understanding of Kevin's subjectivity. Using the mentioned theories, this text problematises what is behind Kevin's scene through the many perspectives selected.

Key-words: We need to talk about Kevin, psychoanalysis, criminology, perspectivism.

1. Prólogo

“A primeira lei que a natureza me impõe é gozar à custa seja de quem for.”

Marquês de Sade

No dia 19 de Setembro de 2017, o JPB (telejornal do estado da Paraíba) apresentou em seu noticiário o assassinato de uma família brasileira na cidade de Pioz na Espanha. Escapando da violência corriqueira que se motiva em razões humanas rasas, porém cognoscíveis ao senso comum, o crime bestial descrito na matéria fez a população da Paraíba (estado de origem da família) e de Pioz vislumbrar o imenso abismo que subjaz numa incógnita: que razões seriam estas para justificar um crime tão atroz.

Quatro corpos esquartejados foram encontrados, em sacos de lixo lacrados, pela polícia espanhola. Vítimas de um familiar, o casal e seus dois filhos já estavam desaparecidos por cerca de um mês. O jovem François Patrick Gouveia de dezenove anos de idade entregou-se à polícia espanhola, confesso, após ser ameaçado de morte no Brasil, preferindo assim pagar sua pena na Espanha. As provas contundentes acerca de sua culpabilidade foram encontradas num aplicativo de mensagens *online* através do celular de seu amigo, a quem confidenciara todos os passos do assassinato e de quem recebera sugestões para a execução de detalhes do crime.

Numa tarde do mês de setembro Patrick ligara para tia perguntando se a família estaria em casa para que o mesmo fizesse uma visita, ao receber resposta afirmativa, o jovem fora até a casa dos familiares. Nas mensagens enviadas ao amigo Patrick afirma que estava levando pizzas para ludibriar e distrair os familiares de suas reais intenções. Quando encontra o momento oportuno, ele dilacera a tia na frente dos dois primos, filhos do casal. A prima de quatro anos seria a próxima vítima, seguida pelo primo de um ano. Ao deparar-se com os três corpos, a melhor solução que Patrick encontra é de esquartejá-los, colocando-os em seguida em sacos plásticos. Na cena do crime, cercado de sangue e das marcas do espetáculo de horrores que acabara de protagonizar, ele espera pacientemente o tempo passar. No final da tarde, seu tio chegaria do trabalho, e só então ele poderia concluir sua cena.

"Matei os quatro porque matar apenas Marcos me parecia cruel. Não ia deixar uma família sem marido e sem pai. Não sofreram, não gritaram, foi muito rápido."

François Patrick Gouveia

Nas mensagens trocadas com o amigo, Patrick diz não ter tido nenhum outro motivo para cometer os assassinatos, a não ser uma vontade incontrolável de matar “nem eu acreditei que teria coragem [...] pensei que fosse ter nojo, que fosse vomitar, mas não senti nada [...] acho que sou mesmo um monstro”.

2. Abertura

“A vida imita a arte ou a arte imita a vida?”

Autor Desconhecido

O barulho dos irrigadores de grama invade os ouvidos antes que qualquer imagem seja posta. Num ritmo de quem tem pressa, o som absurdamente compassado punge os ouvidos como um aviso. Cortinas brancas, leves, vassaladas do vento destacam-se numa profunda escuridão. Como um véu que separa o espectador - mergulhado na sombra- do espetáculo. O aviso está selado, ai de quem ousar abrir as cortinas, escancarar o intermediário, ai de quem desejar a verdade. As cortinas vão se aproximando e som fica cada vez mais alto e aguçado. Um arrepio corre o corpo e num misto de medo e sedução o espectador se deixa levar para além do véu, para além da ignorância, a fim de descobrir o trágico espetáculo que conduz para o lado de lá, para o inominável lado lá.

O longa metragem “Precisamos falar sobre o Kevin” (*We need to talk about Kevin*) lançado em 2011 caracteriza-se como um drama-suspense psicológico que aborda os bastidores da história do jovem Kevin Khatchadourian preso por realizar uma chacina aos dezesseis anos. Realizando um esforço em explicar a condição emocional desse adolescente capaz de matar colegas de escola e membros da própria família, o longa se conecta com a realidade dos noticiários americanos, escandinavos e até mesmo brasileiros (PONDÉ, 2015).

Produzido pela BBC Films em parceria com outras empresas, a adaptação do livro de Lionel Shriver com o mesmo título do filme, ganha vida através da direção meticulosa de Lynne Ramsay. Estrelando Tilda Swinton (Eva Khatchadourian, mãe de Kevin), John C. Reilly (Franklin Khatchadourian, pai de Kevin) e Ezra Miller (Kevin Khatchadourian) o longa metragem se expande para além de simplesmente contar uma história, arrancando o espectador da confortável distância entre ele e a tela, situando-o exatamente no cerne do desconforto, do desespero, do fascínio e da negação.

Marcado constantemente pelo vermelho, cor que ora se faz claramente visível protagonizando a cena, ora se faz de elemento secundário, o filme se delinea como uma colcha de retalhos de fragmentos da história de Kevin. Organizado em *flash-backs* em relação

ao confuso momento presente de Eva, o espectador é arrastado para onde a diretora deseja colocá-lo, privado de qualquer previsão do que virá a seguir, tornando-se, assim, refém voluntário do espetáculo diante de si.

A questão central retirada do filme que vem a ser o objeto para o qual este trabalho dedica sua investigação é o que se chama de Transtorno de Personalidade Antissocial pela medicina; Psicopatia pela criminologia e algumas vertentes psicológicas e Perversão pela psicanálise, e os fatores que permeiam a formação da personalidade dos indivíduos “diagnosticados” a partir dessas nomenclaturas. Entendemos que este tema seja extremamente relevante pela sua presença marcante na história da humanidade, sobretudo na contemporaneidade (ROUDINESCO, 2008). Mais além compreendemos também os desafios trazidos por este tema, do ponto de vista do elevado grau do impacto social causado quando um indivíduo, acometido por essa formação subjetiva, realiza um ato que infringe as leis e a moral de sua cultura.

Há poucas estratégias em como conduzir casos desse tipo e cada vez mais as discussões acerca desta problemática têm se reduzido, tamanha a descrença na mudança desses quadros, dessa forma a produção deste trabalho contribui para os debates científicos neste tema. À nível institucional faz-se necessária a construção deste texto pela obrigatoriedade da apresentação de um trabalho de conclusão de curso. Pessoalmente, acredito ser completamente necessário se pensar e trabalhar este tema na academia e na prática profissional, minha escolha surge justamente a partir dessa escassez de discussões, quando comparado a outros temas, e da minha própria fascinação e desespero diante da extrema desumanidade que um ato perverso pode chegar.

Desta forma, com este trabalho nos comprometemos a elucidar os possíveis fatores internos e ambientais que possam contribuir para formação psíquica de uma pessoa com esse tipo de personalidade. Sendo nosso objetivo geral, estudar o comportamento criminoso juvenil à luz da psicanálise, utilizando a medicina e a criminologia como suporte do ponto de vista do diagnóstico. Especificamente, objetivamos verificar de que modo a psicanálise se presta à interpretação clínica dos elementos contidos na película “Precisamos falar sobre o Kevin”.

Metodologicamente falando, este trabalho trata-se de um ensaio para o qual foi necessária a consulta, não sistemática, a textos referentes à psicanálise, criminologia e medicina, cujos conceitos puderam servir de elucidação à compreensão do que existe de latente no manifesto da produção cinematográfica, no interesse da clínica criminológica do

adolescente. Partindo do pressuposto de que existem várias leituras para uma mesma questão, trabalharemos nos moldes do perspectivismo nietzschiano na tentativa de contemplar esta problemática a partir de algumas das teorias das principais áreas que a abordam, psicanálise, medicina e criminologia. Acreditamos que o diálogo entre essas áreas não apenas enriquece a discussão que aqui propomos, mas também contribui enormemente para uma compreensão mais completa e informada acerca deste tema.

3. Direção

“Mundus vult decipi, decipiatur ergo!”¹

Titus Petronius

Por compreendermos o cinema como uma ferramenta expressiva e significativa que evidencia o cotidiano, decifrando suas corriqueiriedades (FERNANDES & SIQUEIRA, 2006), utilizamos a película “Precisamos falar sobre o Kevin” como retrato do problema social em questão. Partindo do pressuposto de que os fenômenos do campo da experiência humana são de inalcançável compreensão em sua totalidade, valemo-nos do Perspectivismo Nietzschiano a fim discutir o tema-problema deste trabalho a partir de algumas teorias que se dispõem a debatê-lo. Para Nietzsche (1991) a verdade é concebida através de metáforas que terminam por serem esquecidas enquanto metáforas propriamente ditas, passando assim a serem compreendidas como a própria verdade.

Semelhante ao astrólogo que observa as estrelas a serviço do homem e em função de sua sorte e sofrimento, assim um tal pesquisador observa ao mundo inteiro como ligado ao homem, como a repercussão infinitamente refratada de um som primordial, do homem. (...). Esquece, pois, as metáforas intuitivas de origem, como metáforas, e as toma pelas coisas mesmas. (NIETZSCHE, 1991, p.36)

Do ponto de vista epistemológico, o Perspectivismo é a visão filosófica que afirma que todo pensamento e percepção parte de uma perspectiva passível de alteração. De acordo com Marins (2008), para a visão clássica em artes visuais, a perspectiva é a representação da imagem de um dado objeto ou cena em função do ponto de vista de um observador. Assim, o Perspectivismo distancia-se e aproxima-se do objetivismo e relativismo, na medida em que

¹ “O mundo quer ser enganado, portanto que o seja!”

defende que há uma verdade absoluta - assim como o objetivismo, ou realismo - embora existam muitas interpretações acerca dessa verdade - semelhante ao relativismo, no entanto sem partir do pressuposto de que existam várias verdades, mas sim que existem várias perspectivas acerca de um mesmo fenômeno real. Nas palavras de Nietzsche (2005),

A verdade é uma “multiplicidade incessante de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em síntese, uma soma de relações humanas que foram poética e retoricamente elevadas, transpostas, ornamentadas, e que, após um longo uso, parecem a um povo firmes, regulares e constrangedoras: as verdades são ilusões cuja origem está esquecida, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível (...).” (p. 68).

Dito isto, para a análise do objeto escolhido, qual seja, o longa metragem “Precisamos falar sobre Kevin”, apresentamos as cenas mais pertinentes do filme, aquelas que retratam pontos-chave acerca da história de Kevin, as quais oferecem melhores subsídios para compreensão do modo de ser psíquico do personagem e dos possíveis fatores que envolvem o fenômeno abordado no longa. Considerando que o filme se organiza a partir de *flashbacks*, as partes da história de Kevin serão situadas numa sequência cronológica dos acontecimentos, a fim de que possamos melhor empreender a análise. As perspectivas teóricas com as quais pretendemos trabalhar são: a Psicanalítica - através das escolas lacanianas e winnicottianas -, Médica - a partir do DSM-V² e outros autores - e Criminológica - a partir de Molina (1992) e outros autores. Sendo que as perspectivas psicanalíticas permearão todo o desenvolvimento de Kevin, desde a gestação até a adolescência, e as perspectivas médica e criminológica serão expostas principalmente com fins diagnósticos e explicativos do quadro geral.

4. Enredo

4.1 Antes de Kevin

Mergulhada no vermelho produzido pela munição do festival “*La Tomatina*”³, Eva surge em cena com ares de êxtase. Não há muitos momentos no longa em que Eva aparece em sua vida antes da gestação de Kevin, no entanto nestes mostrados, Eva demonstra paixão por

² *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

³ *La Tomatina* é um festival realizado na cidade valenciana de Buñol (Espanha). É sempre realizada a última quarta-feira de agosto, dentro de uma semana de festividades Buñol e envolve os participantes jogarem tomates uns nos outros. (WIKIPEDIA, 2017)

sua liberdade e independência. A cena da concepção de Kevin é retratada como uma lembrança que Eva evoca a partir do tempo presente no filme, sendo justamente algum tempo após o massacre realizado por Kevin. Deitada em sua cama, inserida numa penumbra carmim causada pela luz noturna da rua que refrata pelos vidros manchados de tinta vermelha da janela de seu quarto, ela volta ao momento em que Franklin lhe pergunta se ela tinha certeza que desejava o ato sexual sem proteção contraceptiva. Olhos fechados como quem mergulha na lembrança, Eva demonstra sofrimento em suas feições.

4.2 Gestação

Para Eva, profissional bem sucedida, escritora conceituada de guias de viagens, antes mesmo de nascer, Kevin já simbolizava o fim de sua liberdade e autonomia. Ela, que aparentemente rejeitava completamente a vida de mãe e dedicação ao lar, vê-se dentro de uma situação aterrorizante, na qual parece não existir saídas, a não ser esperar, reprimir e suportar. Aliás, tomando como base o comportamento de Eva durante o filme é possível qualificar seu estado emocional através da alexitimia. De acordo com Carneiro & Yoshida (2009), esse termo médico, empregado no diagnóstico de pessoas com dificuldades de expressar seu estado emocional, pode ter origem principalmente num déficit de comunicação entre o hemisfério esquerdo cerebral (capacidade verbal) e o hemisfério direito (capacidade de avaliar e regular as emoções). Não obstante, essas autoras afirmam que há uma multicausalidade para este transtorno, uma vez que, apesar de o substrato neurológico ter um peso maior, há diversas situações na vida que podem desencadear a dificuldade de uma pessoa em comunicar suas emoções.

O reflexo da figura de Eva, nas últimas semanas de gravidez, no amplo espelho de seu apartamento derrama-se numa contida expressão de descrença, descontentamento e desespero. Sentada num dos bancos de vestiário, cercada de outras grávidas, ela se destaca por se isolar do grupo. A barriga de Eva é a única escondida por indumentárias - enquanto as outras futuras mães seguram suas barrigas e conversam sobre a gestação, Eva escapa. Saindo pelo corredor se depara com uma porção de crianças correndo e gritando, seus passos são rápidos, mais uma vez escapando. Numa perspectiva winnicottiana, observa-se, portanto, que o período de expectativas e ensaios acerca do que estar por vir, característico da gravidez, (WINNICOTT, 2000) não é vivido por Eva. Segundo Winnicott (2000) mães psicologicamente saudáveis atravessam um período de preparação para a chegada do bebê nas últimas semanas de gestação. Nessa direção, o conceito desenvolvido por Stern (1997) de “Constelação da

Maternidade” propõe explicar este período em que a mãe passa por uma reorganização psíquica. Reorganização essa que determina uma gama de novas ações e comportamentos referentes a fantasias, sensibilidades, medos e desejos por parte da mãe. Segundo Stern (1997) essa nova formatação torna-se o eixo organizador dominante do psiquismo materno, de tal modo que pode trazer à tona questões relacionadas a complexos nucleares anteriores, como o Complexo de Édipo⁴. Há três discursos de preocupações maternas apontados por este autor, na constelação da maternidade, que são necessários para uma reelaboração da vida da mãe: o discurso da mãe com a sua própria mãe; discurso da mãe consigo mesma e discurso da mãe com o bebê. Pode-se notar que Eva não passa por esse estágio, uma vez que não há nenhuma reorganização por parte dela em relação à criança que está por vir e a identidade de mãe que terá de assumir.

Na perspectiva lacaniana, Kamers e Baratto (2004) afirmam que o primeiro tempo lógico da constituição subjetiva do sujeito⁵ é, de fato, a pré-existência simbólica da criança que está por vir, a partir da dupla parental.

(...) a pré-história implica o lugar que os pais destinam ao futuro bebê e que está intimamente relacionado com a maternagem exercida sobre o mesmo. É algo que pode ser escutado a partir da escolha do nome, das fantasias dos pais e, principalmente, do discurso engendrado em torno do bebê. Referimo-nos à cadeia significativa familiar que, na gravidez, será a base para a construção dos dizeres a respeito do sujeito por vir (KARMERS E BARATTO, 2004, p. 40-41).

Essa afirmação baseia-se na insistência por parte de Lacan da pré-existência do registro do simbólico em detrimento do real e do imaginário⁶. Para este teórico, este primeiro

⁴ Segundo Nasio (2007) o Complexo de Édipo é “... a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrolável, tem de aprender a limitar seu impulso e ajustá-los aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. (...)... é a dolorosa iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente. (...)... a experiência vivida do terremoto edípiano fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos” (p. 12).

⁵ De acordo com Elia (2010) o conceito lacaniano de sujeito define-se pelo “... nome de *algo* cujo modo de existir é a *elisão*, a *barra*, a *abolição*, operações pelas quais o sujeito se constitui e se realiza na experiência” (p.69) mais além ele continua afirmando que “O sujeito é um *operador* que se impõe a nós, desde que nos coloquemos em determinada perspectiva, em determinado lugar a partir do qual interrogamos a experiência humana, seguindo os passos de Freud, que foi o primeiro a fazer isso. O sujeito é, portanto, sempre *suposto*. Não o encontramos na realidade, mas o supomos. Ou melhor, somos forçados a supô-lo a partir do momento em que reconhecemos a incidência do significante na experiência humana, esse *átomo de simbólico* que, por não ter em si mesmo significação alguma, convoca, no ser vivo, quando ele é falante (ou seja, quando é habitado pelo simbólico), a resposta que se chama de sujeito.” (p.70)

⁶ Para a psicanálise lacaniana, o Simbólico, Imaginário e Real, são os três registros pelos quais o sujeito é constituído e transformado (ROUDINESCO E PLON, 1998). “O registro do simbólico é o lugar do código

momento caracteriza-se por uma espécie de alienação, na qual o bebê ainda sendo gerado é capturado pelo desejo do Outro⁷ (KARMERS E BARATTO, 2004). No filme há um não dito⁸ em relação ao lugar do qual Franklin (pai de Kevin) responde do ponto de vista do acolhimento da gestação de Eva e da criança que está sendo gerada. Talvez a falta de informações transmitidas nesse sentido sejam, de fato, propositais, afinal é exatamente assim que Eva se sente, isolada nela mesma, sozinha em seu imenso oceano de recusa à gravidez.

4.3 Os primeiros meses de vida

Na cena do parto, Eva grita com olhos cerrados, suas feições carregadas de dor. A maneira que a cena é dirigida faz a imagem de Eva ser capturada através de seu reflexo na superfície convexa do suporte para a lâmpada na sala de cirurgia, sua face aparece desfigurada e assustadora. A voz da profissional que facilita o parto se eleva para além dos guturais de Eva, pedindo para que ela *pare de resistir*. No pós-parto, Eva aparece no leito do hospital, ambiente branco e asséptico, com feições de desconforto e embaraço. Sentado na cadeira ao lado, está Franklin que segura Kevin junto de si. Kevin, por sua vez, chora, alto. Na perspectiva lacaniana, Benvenuto (2001) afirma que a separação real do corpo da mãe, que se configura a partir do nascimento, causa um trauma. Pelo fato de o bebê não fazer distinção

fundamental da linguagem. Ele é lei, estrutura regulada sem a qual não haveria cultura. Lacan chama isso de grande Outro. O Outro, grafado em maiúscula, foi adotado para mostrar que a relação entre o sujeito e o grande Outro é diferente da relação com o outro recíproco e simétrico ao eu imaginário. (...) O imaginário é basicamente o registro psíquico correspondente ao ego (ao eu) do sujeito, cujo investimento libidinal foi denominado por Freud de Narcisismo. (...) O imaginário é uma mônada que se alimenta da miragem do outro, uma miragem na iminência da dissipação e da perda. Ser eu, sendo, ao mesmo tempo, o outro, é idílico mas também mortífero, pois um dos pólos dessa pretensa unidade está sempre à beira do desaparecimento. (...) O registro psíquico do real não deve ser confundido com a noção corrente de realidade. Para Lacan, o real é aquilo que sobra como resto do imaginário e que o simbólico é incapaz de capturar. O real é o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado e que permanece impenetrável ao sujeito do desejo para quem a realidade tem uma natureza fantasmática. Diante do real, o imaginário tergiversa e o simbólico tropeça. Real é aquilo que falta na ordem simbólica, os restos que não podem ser eliminados em toda articulação do significante, aquilo que só pode ser aproximado, jamais capturado.” (BRAGA, 1999, p.3-6)

⁷ “Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a” (ROUDINESCO E PLON, 1998)

⁸ O que é reprimido, solilóquio íntimo de cada pessoa, o que é calado, omitido (OLIEVENSTEIN, 1989) “Pretender que o não-dito seja a anticiência seria inexato. Ele está de fora do explicativo, marginalidade do sentido e sentido da marginalidade, ‘não sei o quê’ ou ‘quase nada’ que lembra que existe, em primeiro lugar, ser. O discurso científico tem uma função organizadora. O não-dito organiza ao mesmo tempo a certeza e o medo, sem sacrificar um ao outro. Sua legitimidade o encarna dentro da convicção íntima do ser. Mesmo fora do conteúdo que ele elabora, o não-dito é. E o sujeito poderia anunciar: ‘Eu tenho meu não-dito, logo existo’”. (OLIEVENSTEIN, 1989, p. 21)

entre ele e o outro, no nascimento, não é da mãe que o bebê se separa, mas dele próprio, dessa forma, o seu primeiro encontro real é com a falta (BENVENUTO, 2001).

O nascimento rompe o mundo e a própria pessoa em pedaços. Esta parece ser a origem das catástrofes de Bion, da insuportável ansiedade de desamparo de Winnicott, e das fantasias de fragmentação e perseguição na tenra infância de Klein. O bebê jamais seria capaz de indicar esta perda, não fosse pelo fato de o seu choro ser um meio de expressão. Se não sabemos o que quer, ao menos sabemos que quer algo devido ao choro. (...) A completude está perdida para o homem a partir deste ponto, e ele a desejará e se esforçará para readquiri-la para sempre. (BENVENUTO, 2001, p. 31)

A maneira com a qual a configuração dessa família será traçada é baseada no mote desta cena do pós-parto de Eva no hospital. Franklin segurando Kevin numa extremidade e Eva na outra. Franklin entre Eva e Kevin, Kevin entre Franklin e Eva e, por sua vez, Eva, enquanto mulher, entre a Eva mãe e seu filho.

Já na casa da família, no que parece ainda ser as primeiras semanas de vida de Kevin, Eva peleja com o cuidado do bebê, não conseguindo por nenhuma via se conectar com o filho. O fato de Kevin chorar a aflige imensamente, segurando o bebê para longe de si, ela o sacode na tentativa de fazer-lhe cessar o choro. Seu estranhamento com o filho chama a atenção. Sem sucesso, ela sai para um passeio de carrinho com Kevin, que continua a chorar desesperadamente. Correndo dos olhares de terceiros que a censuram enquanto caminha pelas ruas, Eva encontra seu alívio próximo a um grupo de homens que trabalha com britadeiras sobre o asfalto. Parada em meio daquele alarido ensurdecido ela permanece - olhos fechados, no rosto um misto de êxtase e alívio -, até que Kevin consegue chorar mais alto que o alarido das britadeiras, fazendo com que ela desperte e se mova novamente. Essa sequência faz-nos intuir que o barulho que Kevin jamais pudesse produzir com seu choro seria o que de fato incomodava Eva, ora, o barulho de britadeiras pareceu-lhe tolerável e até prazeroso. O real incômodo de Eva era, de fato, ocupar o lugar de mãe - e portanto abrir mão de seu lugar de mulher -, lugar aquele trazido à tona pela existência de seu bebê, totalmente dependente de seus cuidados.

Para Winnicott (2000) não há a “função” bebê, sem a função “mãe”, ou seja, para todo bebê haverá cuidados maternos que não necessariamente se originarão de uma mãe biológica ou adotiva. Apesar de Franklin ter maior cuidado com Kevin - quando comparado a Eva - e dedicar-lhe carinho e afago, o primeiro não extrapola esses cuidados para uma função materna de fato, inclusive grifa essa responsabilidade à Eva nas entrelinhas de seu discurso,

ensinando-lhe a maneira correta de segurar e ninar o bebê. Dessa forma, mesmo que sem sucesso, essa posição de maternagem é designada a Eva, a qual retrata claramente o que Winnicott (2000) denomina de mãe insuficientemente boa. Para esse teórico, o conceito de mãe suficientemente boa é concedido aos cuidadores que realizam as três funções maternas com sucesso durante a fase de dependência absoluta⁹ do bebê, garantindo, assim, a formação do verdadeiro *self* na criança. Correspondem às três funções maternas segundo Winnicott (2000): apresentação do objeto; *holding*; e *handling*.

A apresentação do objeto consiste em garantir que, mediante o choro da criança (comunicação que reporta uma necessidade), um “objeto” lhe seja apresentado, a fim de satisfazer a carência apresentada pelo bebê. Isto pode ocorrer através da apresentação do seio ou mamadeira quando a pessoa ocupando a função materna intui que o choro da criança representa fome, por exemplo. A partir desse arranjo, a criança sente que possui uma espécie de onipresença que lhe possibilita criar os objetos que lhe faltam. Sempre que “a mãe” executa competentemente esta função, ela está reforçando essa onipresença que se faz essencial para a saúde psíquica da criança. O ponto crucial desta função é justamente assegurar que o bebê não caia em desespero e em angústias insuportáveis.

A segunda função, o *holding*, diz respeito à “sustentação” da criança. O termo da língua inglesa que significa abraçar, sustentar, envolver, segurar etc., descreve a função materna de instaurar, na rotina da mãe e do bebê, cuidados quotidianos, por parte da mãe, que sustentarão a criança no sentido corporal e psíquico. Quando realizada com sucesso, essa função garante que a criança introjete os cuidados externos, simplificando, portanto, a realidade externa, criando pontos de referência estáveis e simplificados que facilitarão sua integração no tempo e no espaço.

Finalmente, o *handling*, palavra que significa manipular, descreve a função materna de tocar, estimular o bebê enquanto ele é cuidado. Essa função proporciona harmonização entre a vida psíquica e o corpo, definida por Winnicott (2000) por “personalização”. Através dos conteúdos demonstrados no filme quando Kevin se configura ainda como lactente, podemos concluir que Eva não cumpriu as funções maternas, especialmente no que diz respeito ao *holding*. Para Winnicott (2000) essa função de “sustentação” compreende, especialmente, o ato físico de segurar o bebê nos braços para, junto do corpo, em suma ninar a criança,

⁹ Winnicott (2000) chama de fase de dependência absoluta a fase em que o bebê não poderia sobreviver sem cuidados maternos (ambientais).

constituindo assim uma forma de amar. Justamente através desse suporte prestado à criança é que a mãe funciona como um ego auxiliar. Quando este vínculo entre a mãe e o bebê é estabelecido, é possível que o último se desenvolva de maneira saudável a partir de suas capacidades inatas.

Na perspectiva lacaniana o chamado estágio do espelho¹⁰ é o que assegura a inscrição do bebê no mundo simbólico. Isso graças às respostas maternas que vão ao encontro das necessidades da criança (RAMIREZ, 2004). Nas palavras de Ramirez (2004)

Ao satisfazer as necessidades físicas da criança, a mãe o faz segundo um código simbólico que determina essa relação, permitindo que seu desejo se articule em demandas que fará à criança desejada, ou não, possibilitando sua entrada na erogenização. É por meio dessa mediação, na qual a mãe ocupa a função de Outro Absoluto, provendo a criança de alimentos, amor e palavras, que ocorrerá o acesso ao campo do simbólico. (p. 93)

Segundo Benvenuto (2001), tanto para Winnicott quanto para Lacan, o olhar da mãe é fundamental, funcionando como um espelho para o bebê que se enxerga na própria face dela. Na perspectiva lacaniana, esse estágio dispara a função escópica: “A imagem de si mesmo nos olhos da mãe (...) introduz, simultaneamente, uma separação da imagem de si mesmo e uma identificação; o bebê está no rosto da mãe” (BENVENUTO, 2001, p. 41).

A partir dessas perspectivas apresentadas, podemos, portanto observar que o ambiente em que Kevin estava inserido nos seus primeiros meses de vida não lhe conferiu o suporte necessário para seu desenvolvimento saudável. Não obstante, precisamos nos ater aos outros fatores que virão conforme a história de Kevin vai sendo contada.

4.4 Infância

Sem mais informações a respeito dos primeiros meses de vida de Kevin, somos levados para, o que parece ser, seus três ou quatro anos de idade - mais uma informação não-dita pelo filme. Na primeira cena mostrada deste período, Eva tenta estimular Kevin a jogar uma bola de volta para ela e a dizer algumas palavras, incluindo “mamãe”. Os dois sentados no chão do apartamento da família na cidade, com uma considerável distância entre eles. Kevin encara Eva sem responder a nenhuma de suas tentativas de estimulá-lo a interagir com

¹⁰ Para Ramirez (2004) o estágio do espelho divide-se em três tempos: no primeiro momento a criança ainda se confunde e se mistura com a mãe, pois é a partir dela que o bebê se orienta e vivencia suas experiências. Posteriormente ao perceber sua imagem no espelho a criança a toma como um ser real, de modo a tentar se aproximar dessa imagem, o que define seu assujeitamento ao registro imaginário. No segundo tempo a criança descobre que o Outro que ela enxerga no espelho é uma imagem, o que a faz conseguir distinguir o que é de fato real e o que é imagem. No terceiro tempo ela consegue se apropriar da imagem do espelho como sua, reconhecendo sua totalidade corporal. “A conquista da *gestalt* corporal pela criança se dá pelo reconhecimento de sua imagem no espelho, mediada pela imagem da mãe” (RAMIREZ, 2004, p. 93).

ela. A cena é cortada com a ida dos dois a um pediatra que examina os ouvidos de Kevin enquanto Eva anuncia que, quando o garoto era um bebê, ele gritava o tempo todo, o que poderia ter danificado sua audição, no entanto o pediatra afirma não haver nada errado com a audição da criança. Insistindo em alguma causa diagnosticável, Eva indaga a respeito do autismo, porém mais uma vez o médico insiste que não há nada de errado com Kevin e que ela não deveria se preocupar.

Em seguida, de volta ao apartamento, Kevin corresponde ao pedido de Eva de jogar a bola de volta para ela, com o que demonstra imensa alegria e reforça o comportamento de Kevin positivamente. Ela volta a repetir o exercício, mas nessa segunda vez Kevin a ignora, permanecendo com o olhar travado no seu. Quando Kevin finalmente começa a falar, ela pede que ele diga “mamãe” e ele responde veementemente “não!”. Ainda nessa fase em que Kevin parece estar na faixa dos três a quatro anos, há uma cena bastante significativa, por conter uma externalização de sentimentos por parte de Eva - fato inédito quando se trata da personagem - e pelo conteúdo que é expresso para a criança. Sentada de modo que o nível ocular entre ela e Kevin seja o mesmo, Eva lhe diz que ela era muito feliz antes de seu nascimento e que todos os dias quando ela se acorda ela deseja estar na França. O tom de Eva é enfático, cheio de raiva e paixão, o rosto de Kevin espelha sua raiva; Franklin interrompe sua fala entrando no recinto em que Eva e Kevin estavam. Expressando desgosto e decepção, ele sai da cena.

Na visão lacaniana, podemos afirmar que nessa fase Kevin já demonstra estar situado, por aceitação, no lugar em que sua mãe escolhe para ele desde a gestação, qual seja: de um objeto que existe para destruir a vida que Eva tanto amava. Ele devolve para Eva seu desamor até mesmo de forma agressiva, não se alimentando da maneira que ela gostaria, desperdiçando comida, fosse por jogá-la contra a parede, fosse por enchê-la de sal. Ou seja, Kevin reage com agressividade em relação à mãe, espelhando para Eva toda a privação afetiva que vivera. É, então, a partir desse ponto que já nos é possível enxergar as parcerias sintomáticas estabelecidas entre ambos.

Consideramos importante sinalizar que numa visão psicanalítica clássica freudiana, a fase em que Kevin estaria inserido nesse trecho - seus quatro a cinco anos - é o próprio Complexo de Édipo. No livro “Freud e a Alma Humana”, de Bruno Bettelheim (1988), o autor propõe o

mito¹¹ de Édipo como peça fundamental para a compreensão dos efeitos dos conteúdos inconscientes sobre nós mesmos. Para além de uma estória acerca do incesto - Édipo mata seu pai e desposa sua mãe - essa estória se atém a elementos muito mais profundos desse fenômeno humano, qual seja: a apreensão dos valores morais e culturais nos quais o sujeito está inserido. A tragédia de Sófocles está muito mais enraizada na necessidade de nós, enquanto humanos, conhecermo-nos verdadeiramente para não perecermos nas armadilhas criadas pelo que antes, por nós, já foi pensado, sentido, falado e vivido. A profecia do oráculo se cumpre com Édipo por ele desconhecer a si mesmo e duvidar de sua própria integridade em relação aos seus valores culturais e familiares. O genial desfecho, no qual ele se cega, caracteriza-se como a própria cegueira, metaforizada, que ele apresenta a respeito de seus próprios sentimentos (BETTELHEIM, 1988). “... enquanto o feito edipiano e os seus desejos, agressões e ansiedades edipianas inconscientes que levaram ao feito permanecem desconhecidos, eles continuarão exercendo seu poder destrutivo...” (BETTELHEIM, 1988, p. 38).

Concordando com a formulação freudiana, a psicanálise lacaniana define que esse complexo determinará em seu desfecho a estrutura subjetiva do indivíduo (ANDRADE, 1995). Partindo do pressuposto das três grandes estruturas subjetivas trabalhadas nessa linha teórica - psicose, neurose e perversão -, acreditamos ser válido explicitar brevemente a saída do Complexo de Édipo para cada uma delas. Lacan defende que o Édipo se detém, sobretudo, à maneira com a qual a criança lidar com a falta (NASIO, 2007). Dessa forma, a primeira possível saída é a de não conseguir apreender a falta, vindo, portanto, a negá-la, o que acarreta na formação de uma estrutura psicótica; a segunda é a própria aceitação e reconhecimento da falta, resultando na construção de uma estrutura neurótica e, por fim, há a possibilidade de desmentir a falta, ou seja, reconhecer sua existência, porém rejeitá-la completamente (ANDRADE, 2010). Esta última saída desemboca na estrutura perversa e é justamente a partir desta estrutura que iremos situar a formação da personalidade de Kevin, na perspectiva lacaniana.

Para essa linha de pensamento, o Édipo se organiza em três tempos. No primeiro, a criança identifica-se com o objeto de desejo da mãe, criando uma simbiose entre as funções mãe-filho que só é rompida com a descoberta, por parte da criança, da falta (castração) existente na mãe. A partir disso a criança, percebendo essa falta, posiciona-se exatamente como o objeto de desejo (falo) do que falta na mãe. No segundo tempo, a função paterna (que pode ser ocupada pelo pai propriamente dito da criança, bem como pelo trabalho da mãe, ou qualquer circunstância que represente uma Lei maior que venha regular a relação simbiótica

¹¹ Achamos válido salientar o mito enquanto forma de ciência, sendo usado nos primórdios da história do homem como ferramenta para compreensão da realidade, da mesma forma que a ciência ocidental se configura nos dias atuais (RÊGO, 1998).

entre a mãe seu filho) simbolizada como uma imagem privadora entra em cena a fim de barrar a ligação sem limites entre a mãe e a criança. Esse pai onipotente interfere na relação entre mãe e filho, ocupando o lugar da mãe fálica (sem falta), de modo que a criança não simboliza, ainda, a castração (falta). Finalmente, no terceiro tempo a castração torna-se clara para criança a partir do momento em que esse Pai simbólico assume a posição de completude (possuir o falo) assumida previamente pela mãe, de modo a deixar traços para que essa criança possa se identificar, além da percepção da ameaça de que, ao recusar a Lei, ela também pode vir a ser castrada (BORGES et al., 2004).

Os perversos se comportam como se soubessem algo sobre a castração e, ao mesmo tempo a ignorassem. Este paradoxo psíquico nos é revelado tanto pelo desmentido da realidade da castração, quanto pela clivagem do ego. (...) Isso faz com que a criança venha apreender a instância do desejo materno como o principal suporte de sua própria dimensão identificatória. O desejo da criança será então desejo do Outro, vivido primeiramente como Outro todo poderoso, e, logo, como Outro de falta. E é por ser o Outro de Falta que a criança pode se identificar ao objeto susceptível de preencher a falta do Outro. Portanto, a identificação fálica é identificação ao objeto que satisfaz o desejo do Outro (ANDRADE, 2010, p.197-198).

O sujeito se constitui como perverso quando tem uma mãe que não pode dar um lugar ao pai que poderia inferir na formação da subjetividade da criança, mas também quando esse pai não se impõe de modo a reivindicar seu lugar. Dessa forma pode-se pensar que o perverso retroage do segundo tempo do Édipo para o primeiro, permanecendo a concretude do fetiche, do engodo de ser o falo da mãe, não obstante é possível que observemos a cicatriz edípica (BORGES et al., 2004). O longa metragem em questão enfatiza com maestria essa falta de um lugar para esse pai, através da presença escassa do personagem de Franklin que mal aparece no período que vai do nascimento de Kevin até o final de seus cinco anos, passando justamente pelo estágio do espelho e do Complexo de Édipo. Kevin não internaliza a lei paterna plenamente, desenvolvendo-se, portanto, na estrutura perversa por ser a escolha mais saudável para sua estabilidade psíquica. Dois dentre os principais traços dessa estrutura são a transgressão e o desafio, vistos claramente no comportamento de Kevin ainda quando criança.

A partir de então, observamos no filme a clara identificação de Kevin com o lugar da mãe, colocando-se constantemente como resposta de seu desejo. Kevin parece devolver para Eva cada parte de ausência afetiva em relação a ele. Na faixa do que parece ser os oito, nove anos de Kevin, Franklin insiste para que a família se mude para o interior onde Kevin possa ter mais espaço pra brincar e se desenvolver. Mesmo contra a vontade de Eva, que insiste em seu desejo de permanecer na cidade, a família faz essa mudança. Com um espaço mais amplo

os rodeando, a distância entre Eva e Kevin só aumenta, e as partes que se seguem no filme, relacionadas à infância do menino só salientam ainda mais a agressividade que permeia tão significativamente o relacionamento dos dois. Kevin confronta Eva constantemente e desafia suas ordens, não realiza as tarefas escolares, desalinhando a casa constantemente, escondendo-se da fúria de Eva na figura apaziguadora do pai, para quem Kevin se mostrava de uma maneira totalmente oposta àquela a que Eva tinha acesso.

Um dos principais pontos observados ainda no comportamento de Kevin é sua “incapacidade” de defecar no toalete e limpar-se sozinho, fazendo com que Eva seja responsável até tardiamente na infância por limpá-lo. Ele a faz de escrava de seu comando, que se mostra durante o filme como uma via para de fato controlar a mãe e atormentá-la, até que ela perde a paciência - num momento em que ele defeca propositalmente mais uma vez assim que acabara de limpá-lo - e o joga contra a parede fazendo com que ele quebre o braço. Interessantemente, é a partir de então que ele passa a ir ao banheiro sozinho.

Kevin demonstra carência afetiva durante toda a infância e, nisso, a cena mais ilustrativa refere-se ao momento em que ele vê Eva feliz ao decorar com mapas fixados às paredes uma sala da casa reservada para ela. Kevin olha da porta com raiva e inveja e, após um diálogo agressivo com Eva e a saída da mãe do quarto, ele pinta as paredes com tinta vermelha e preta, utilizando-se de uma pistola de água de brinquedo, chamuscando todas as paredes recém-decoradas. Eva fica fora de si quando retorna à sala e, agressivamente, ela quebra a pistola cheia de tinta, sujando-se no vermelho. “Amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas. Mas amor e ódio envolvem agressividade. Por outro lado, a agressão pode ser um sintoma de medo” (WINNICOTT, 1987, p. 89).

No outro extremo dessa relação entre mãe e filho, Eva parece sentir um misto de inveja e aborrecimento com o bom relacionamento entre Franklin e o filho. Segundo Winnicott (1987):

É de se esperar que uma mãe deteste qualquer pessoa que trate seu filho com negligência, mas pode-se esperar também que ela deteste qualquer pessoa que cuide de seu filho melhor do que ela mesma; pois esse bom tratamento gera na mãe inveja ou ciúme. Trata-se do seu filho, e ela quer ser a mãe do próprio filho. (p. 36)

Mesmo assim, o único momento da película em que parece haver uma trégua entre os dois, desenha-se a partir do adoecimento de Kevin em que ele cede a uma das raras investidas

da mãe, nessa etapa de sua vida, de aproximar-se dele. Kevin se deita no colo de Eva que lê para ele a história de Robin Hood¹². Chegando inclusive a expulsar Franklin do quarto para ficar sozinho com a mãe, Kevin parece satisfeito com aquele contato íntimo entre eles: Eva beija sua cabeça e também demonstra felicidade. Não obstante, no dia seguinte, a dinâmica entre eles se normaliza, decepcionando Eva que, mais uma vez, fica colocada à margem por Kevin, aceitando seu tratamento hostil. Ainda nesse período da infância do menino, Eva engravida novamente, dando à luz uma menina cuja gravidez foi vivenciada por Eva no extremo avesso ao que foi a gravidez de Kevin.

4.5 Adolescência

Na transição da infância para a adolescência, a diretora coloca em cena a criança que até então era Kevin, caracterizado com o chapéu de Robin Hood, atirando uma flecha no alvo, gradualmente desaparecendo. A cena é então sobreposta por um Kevin já com quinze anos, atirando uma flecha certeira no centro do alvo. Após a parabenização do pai pelo tiro e mais uma flecha ser lançada ao alvo, a câmera se aproxima do globo ocular do personagem, onde o alvo refletido vai se tornando cada vez mais nítido conforme o zoom da câmera aumenta, até que paramos de perceber o olho de Kevin e tudo que podemos ver é o alvo.

Podemos intuir que Kevin cresce dentro de uma compreensão imagética negativa de si mesmo, reforçada pelo ambiente (sua mãe), desde seu período intrauterino até os quinze, quase dezesseis anos. Nesse estágio de sua adolescência trazido pelo filme, ele já não sente culpa ou remorso pelos atos de crueldade que realiza em casa, contra a mãe e a irmã, demonstrando uma capacidade empática substancialmente defasada. Além de suas torturas psicológicas e provocações diárias direcionadas à mãe, ele mata o porquinho da Índia da irmã e faz com que a mesma perca um dos olhos, necessitando usar um olho de vidro. Seu relacionamento com seu pai permanece cordial, afinal, Kevin atua como um filho ideal constantemente na presença de seu progenitor, dando a Franklin exatamente o que ele deseja: um bom filho. É mister compreender que Kevin escolhe Eva como sua principal expectadora, e todos os outros que permeiam a vida dos dois, incluindo os membros da família, são meros objetos que ele usa para atingi-la.

¹² Robin Hood (conhecido em Portugal como Robin dos Bosques) é um herói mítico inglês, um fora-da-lei que roubava da nobreza para dar aos pobres. Teria vivido no século XIII, aos tempos do Rei Ricardo Coração de Leão, e das grandes Cruzadas. Era hábil no arco e flecha e vivia na floresta de Sherwood, onde era ajudado por um bando de amigos, do qual faziam parte; João Pequeno, Frei Tuck, Allan Dale e Will Scarlet entre outros moradores do bosque. Prezava a liberdade, a vida ao ar livre, e o espírito aventureiro. Ficou imortalizado como "Príncipe dos ladrões"^[1]. Tenha ou não existido tal como o conhecemos, "Robin Hood" é, para muitos, um dos maiores heróis da Inglaterra (WIKIPÉDIA, 2017).

Para a psicanálise lacaniana, o perverso tem a magistral habilidade de lidar com a angústia, a sua e a de terceiros. Apesar de reconhecer a falta, ele a escamoteia, conhecendo vastamente a lei e moral de sua cultura para que assim possa infringi-las com esmero (ROUDINESCO, 2008). Destarte, o perverso estrutura seus comportamentos em forma de ato, cena, espetáculo e, para tanto, necessita de plateia, pois sem um terceiro a cena perversa termina antes de começar. Por sua notória capacidade de fazer o outro sofrer para que ele próprio não se angustie - isso porque o perverso precisa atuar a fim de se convencer que a falta não existe - essa estrutura precisará necessariamente de uma parceria e ademais um objeto que simbolize a completude, maquiando a castração, ou seja, um fetiche (ANDRADE, 1995; DOR, 1991; FERRAZ, 2000).

Dito isto, podemos intuir que Eva era a parceira sintomática escolhida por Kevin e por seu embaraço e incômodo com a falta, típicos da neurose, ela se mostra perfeita para o papel; além disto, observamos que o arco e flecha formam o objeto de fetiche escolhido por ele. Veja que esse objeto (arco e flecha) é introduzido na trama a partir do único momento de conexão entre Eva e Kevin em sua infância, quando a primeira lê para o filho a história de Robin Hood, um *fora da lei*.

De acordo com o DSM-V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014) os sintomas que Kevin apresenta, quais sejam: falta de empatia e remorso, indiferença ou racionalização em relação a ferir ou maltratar outras pessoas, desconsideração e violação dos direitos de outras pessoas, tendência à falsidade, inteligência, manipulação, irritabilidade e agressividade (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), dentre outros, já são suficientes para o diagnóstico do Transtorno de Personalidade Antissocial, no entanto, pelo fato de Kevin ainda não ter dezoito anos, ele estaria impedido para esse diagnóstico. Nesse sentido, o que a psiquiatria propõe é o diagnóstico de Transtorno Disruptivo de Conduta para menores de dezoito anos, isso porque, até esta idade limite, a criança ou adolescente ainda se encontraria no seu processo de desenvolvimento e, portanto, formação de sua personalidade.

Essa atualização do DSM retira o termo de psicopatia como designador de um transtorno para tornar-se uma característica atribuída ao Transtorno de Personalidade Antissocial, termo que persiste sendo utilizado na literatura criminológica moderna, dita “científica” (MOLINA, 1992), definindo-se como:

conjunto de características ou traços de personalidade que podem estar presentes em indivíduos com ou sem história de anti-socialidade e que surgem desde a infância, piorando na adolescência e persistindo na fase da adultez. Deste modo, define-se aqui o contorno de uma perturbação da

personalidade, salvaguardando-se os aspectos relacionados com o papel do comportamento anti-social como sintoma ou como consequência desta perturbação (SOEIRO E GONÇALVES, 2010 p. 237).

Dessa forma, Kevin poderia ser analisado, do ponto de vista criminológico moderno, como um delinquente enfermo, digamos “pré-psicopata”, partindo inclusive de uma perspectiva que dá margem à existência de um condicionamento biológico ou substrato orgânico (MOLINA, 1992). Além disso, a ciência criminológica moderna baseia-se em modelos psicológicos que justificam a causa desse desvio de conduta, quais sejam: os biológicos condutuais, os da aprendizagem social, os do desenvolvimento moral e do processo cognitivo e, finalmente, os fatorialistas de traços ou variáveis da personalidade (MOLINA, 1992).

4.6 O Ato

Três dias antes de seu aniversário de dezesseis anos, Kevin é preso em sua escola por assassinar e ferir diversos estudantes trancados por ele dentro do ginásio de esportes. Utilizando travas para bicicletas, ele tranca todas as portas de saída do ambiente e, como num espetáculo, reverencia a audiência antes de atirar suas flechas em todos os que ali foram confinados com ele. Quando os bombeiros enfim conseguem abrir uma das portas, Kevin sai tranquilamente de dentro do recinto. Enquanto caminha a passos lentos, mascando goma com ar despreocupado e desprezioso, olha nos olhos a mãe, que está em meio à multidão, com um sorriso velado nos lábios e levanta as mãos de modo a render-se à polícia, deitando no chão com os braços para trás. Kevin *se entrega*. De dentro da viatura, ele se vira para olhar para Eva através do vidro, como se a provocasse por ela sempre ter enxergado sua real índole.

Apenas quando a personagem de Eva retorna à sua casa é que tomamos conhecimento do fatídico ato em sua abismal totalidade. A casa anoitecida por dentro, em silêncio e penumbra recebe a Eva que já tentara inutilmente contatar Franklin diversas vezes no caminho para a escola. Dentro do casarão, ela chama pelo marido e pela filha. O silêncio reverbera. A única movimentação na casa vem das cortinas brancas e esvoaçantes da sala. Do lado de fora escuta-se o estalar de irrigadores de grama.

Este é o reencontro com a primeira cena da longa metragem que nos convidara a ficar, antes, nos alertando para o que seria “des-coberto”. Com Eva atravessamos as cortinas para ter ao jardim, com os corpos vulneráveis de sua filha e marido. Na menina, uma flecha nas costas; em Franklin três, uma no pescoço e duas no tronco. Kevin é indiciado como menor,

tendo sua pena amortecida pelo fato de ter se intoxicado com altas doses de Prozac¹³ antes do crime.

5. Desfechos

Durante o filme, são passados os flashes das cenas que apresentam as visitas taciturnas de Eva para Kevin nos dois primeiros anos em que o adolescente está preso. Na última visita mostrada no longa metragem, que coincide com o final dessa colcha de retalhos, Eva encontra Kevin com marcas no corpo do ambiente feroz da cadeia. Ele tem algo diferente no olhar, hesitação e mesmo medo. Ela afirma que ele não parece feliz, ele retruca perguntando se alguma vez na vida já o pareceu. Perguntando se ele estava com medo da cadeia para adultos ela tem um tom irônico. Kevin parece aterrorizado quando pergunta se ela sabe alguma coisa a respeito desse tipo de lugar. Ela então enfatiza que ele manejou tudo tão bem: julgado como menor, intoxicado com Prozac.

Continuando ela acrescenta “você sabe por que me deixaram te visitar hoje?” Kevin responde que sim, aquele era o dia do aniversário de dois anos do massacre. Eva prossegue “Dois anos se passaram, tempo o suficiente para se pensar sobre isso, eu quero que você me diga por quê!”, após uma pausa Kevin lhe diz “Eu pensava que eu soubesse, mas agora já não tenho mais certeza”. Como de praxe, Eva aceita, conformada, cala-se e acena positivamente com a cabeça. Ainda perturbado, Kevin a olha e abre a boca para dizer algo mais, quando o guarda interfere dizendo que o tempo da visita terminara. Levantando-se ambos eles se permeiam num abraço forte que faz barulho com a colisão dos corpos.

Embora existam, ainda nos dias atuais, muitas opiniões especializadas relacionados a esta forma de subjetivação (perverso, psicopata ou sociopata) que neguem as observações pontuadas por nós, há, certamente, um árduo trabalho para que essa capacidade de se lidar com a angústia possa sustentar-se de maneira constante por parte desse indivíduo; além disso, diante de uma ameaça maior e real à sua integridade, parece-nos haver a possibilidade para

¹³ “Fluoxetina é um medicamento antidepressivo da classe dos inibidores selectivos da recaptção da serotonina. A fluoxetina foi descoberta por Eli Lilly and Company, em 1972, e entrou em uso médico em 1986. Está na Lista de medicamentos essenciais da OMS. Suas principais indicações são para uso em depressão moderada a grave, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno alimentar, transtorno do pânico e de ansiedade. É utilizado na forma de cloridrato de fluoxetina, como cápsulas ou em solução oral.” Alguns dos efeitos colaterais da droga são “Episódio maníaco (aceleração do pensamento e impulsividade), confusão mental, ideias de suicídio, discinesias (sensações táteis sem estímulos externos)” (WIKIPÉDIA, 2016).

algum tipo de intervenção, demonstrando, claramente, que o sofrimento é inerente à condição humana, ainda que a “estrutura” em questão seja “perversa”.

Na própria narrativa perversa que a película assume, nós, enquanto espectadores, somos privados de mais informações que completem a história dos acontecimentos nessa família. Porém não são à toa os não-ditos presentes no filme, eles são apontamentos indicando que nunca há respostas completas para um acontecimento. Para além das condições ambientais em que um ser se desenvolve, existe algo que escapa, que não é passível de uma explicação lógica ou que simplesmente não seria notado por nós, ainda que escancarado. As tentativas não verbalizadas, completamente frustradas de Eva de conversar sobre Kevin com Franklin durante toda a trama nos deixam com o reflexo de nossa própria fuga deste tão instigante tema que nos arrebatava por fazer parte de nós.

Fazendo uma analogia entre o perspectivismo e a apresentação a espectadores de um filme, podemos melhor compreender o esforço empreendido por este trabalho na exposição de diferentes leituras para o caso de Kevin. Assim como, ao apresentar um filme a uma plateia com mais de uma pessoa, teremos a iminente possibilidade de surgirem diferentes interpretações e sentimentos acerca do conteúdo exposto. Da mesma forma, para os fenômenos do campo da vivência humana, teremos também infinitas elaborações científicas relacionadas. Isso ocorre graças às diferentes coletâneas de vida de cada pessoa, que terminam por garantir diferentes lentes para se contemplar tanto o mundo ao redor quanto o mundo *in-door*.

O uso dessas três grandes áreas para se analisar a temática escolhida, mostra-nos as semelhanças entre as causas e características do objeto desta pesquisa esplanadas por cada teoria, bem como o enriquecimento do debate proporcionado pela contribuição de cada área para a compreensão do fenômeno aqui estudado. Assim, chegamos, mesmo que sem subsídios suficientes, ao ponto em que questionamos o que pode ser feito a respeito de todos os “Kevins” que fazem parte direta ou indiretamente do nosso percurso enquanto pessoas e profissionais. Falar sobre eles, de fato, parece uma saída, que mesmo que não seja em si um fim que abarque uma solução, ao menos inspira com certeza debates produtivos que possam ir além do que até hoje compreendemos a respeito do problema.

Ademais o que propusemos com este trabalho foram mais interrogações para estimular produções e possíveis soluções para o problema, salientando e expondo ainda mais a *falta*. Acreditamos piamente que isso só é possível quando há, sobretudo, a consideração de várias

perspectivas, ou se preferir, caminhos para a compreensão do fenômeno para o qual ousamos nos debruçar.

*“...as maneiras de encarar uma mesma coisa são infinitas...
E são essas diversas estradas que poderão nos abrir novas consequências...”*

B. Pascal

6. Créditos

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5 Manual estatístico e diagnóstico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, Luís Francisco Gonçalves de. As vias perversas do desejo. In: **II Jornada Norte Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise**, 2., 1995, Aracajú. Aracajú: Cbp, 1995. p. 1 - 9.

BENVENUTO, Bice. Era uma vez: O Bebê na Teoria Lacaniana. In: BURGOYNE, Bernard; SULLIVAN, Mary. **Diálogos Klein-Lacan**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2001. p. 29-46.

BETTELHEIM, Bruno. **Freud e a Alma Humana**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

BORGES, Juliana Marques Caldeira et al. Perversão e infância e adolescência. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 1, n. 51, p.109-114, ago. 2004.

BRAGA, Maria Lucia Santaella. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 81-91, 1999;

CARNEIRO, Berenice Victor; YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Alexitimia: Uma Revisão do Conceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Campinas, v. 25, n. 1, p.103-108, jan. 2009.

DOR, Joël. **Estrutura e perversões**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FERNANDES, W. R. & Siqueira, V. H. F. (2006). **Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas**. In **Reunião anual da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em educação**. Anais Caxambu: ANPED;

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. Coleção clínica psicanalítica.

KAMERS, Michele; BARATTO, Geselda. O Discurso Parental e sua Relação com a Inscrição da Criança no Universo Simbólico dos Pais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 3, p.40-47, 10 set. 2004.

MARINS, Imaculada Conceição Manhães. Um olhar sobre o perspectivismo de Nietzsche e o pensamento trágico. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.124-141, jul. 2008.

MOLINA, Antonio García-pablos de. **Criminologia**: Uma introdução a seus fundamentos teóricos. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1992.

NASIO, Juan-David. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores). Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filhos; posfácio de Antônio Cândido.

_____. Introdução Teorética sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extramoral. In: **O Livro do Filósofo**. 6ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

OLIEVENSTEIN, Claude. **O não-dito das emoções**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

PONDÉ, Danit Falbel. **Cinema no divã**: grandes filmes em análise. São Paulo: Le Ya, 2015.

RAMIREZ, Heloisa Helena Aragão e. Sobre a metáfora materna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, Barbacena, v. 3, n. 2, p.89-105, nov. 2004.

RÊGO, Pedro. Relações Entre Mito e Ciência. **Antropológicas: Edição Especial**, Porto, v. 1, n. 6, p.53-60, jun. 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: Uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michael. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Referência: SOEIRO, Cristina; GONÇALVES, Rui Abrunhosa. O estado de arte do conceito de psicopatia. **Análise Psicológica**, Braga, v. 1, n. 28, p.227-240, jan. 2010.

STERN, D. N. (1997). A constelação da maternidade (M. A. V. Veronese, Trad.). In D. N. Stern (Org.), **A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê** (pp. 161-178). Porto Alegre: Artes Médicas.

WIKIPEDIA. **Tomatina**. 2017. Disponível em: <<https://es.wikipedia.org/wiki/Tomatina>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

_____. **Robin Hood**. 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Robin_Hood>. Acesso em: 24 fev. 2017.

_____. **Fluoxetina**. 2016. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fluoxetina>>. Acesso em: 31 mar. 2017

WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Privação e Delinqüência**. São Paulo: Livraria Martins de Fonte Editora Ltda., 1987.

